



Práticas Pedagógicas, Linguagem e Surdez

Autor: Elizângela Ferreira da Silva.

PMJP – PB / Prefeitura Municipal de João Pessoa – PB. Professora do Ensino Básico. E-mail: elizangelaferreira1@hotmail.com

Resumo: O trabalho em questão envolve o debate sobre a complexidade dos processos de letramento e de alfabetização desenvolvidos e construídos na prática pedagógica de professores surdos com alunos surdos, que transitam cotidianamente em sua prática docente sobre os caminhos do ensino da Língua Portuguesa e do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O universo em que desenvolvemos este trabalho é a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência da Paraíba (FUNAD), com a colaboração de cinco professoras do quadro efetivo da Instituição. Isso nos oferece uma riquíssima oportunidade de entendermos como a criança surda é incorporada tanto na língua materna como na língua de sinais, bem como no processo de letramento que é conduzido por professores igualmente surdos. Desse modo, acreditamos na importância de compreender as práticas pedagógicas, bem como a prática docente no universo da surdez, intermediadas pelo ensino de Libras.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Linguagem; Surdez; LIBRAS; Identidade.

Introdução

Os estudos sobre “deficiência auditiva” ou “deficiente auditivo”, cada vez mais ganham força nos meios acadêmicos. Não é somente na Pedagogia, mas na Sociologia, Antropologia, Psicologia, História, dentre outras, que os significados da surdez são analisados sobre um vasto campo teórico e metodológico (MOURA, 2000).

A língua de sinais faz parte da elaboração da identidade da pessoa surda. Faz parte também da construção social que envolve diversas formas de saberes que coadunam com os processos de ensino e aprendizado, pois, ser surdo, não implica uma condição naturalizada do sujeito que é deficiente auditivo, entretanto, se aprende, na convivência e vivência com seus pares, a ser surdo (SOARES, 1999).

O trabalho em questão envolve uma complexidade que não se atribui apenas aos códigos linguísticos usados pela pessoa surda. Códigos esses que, diga-se de passagem, são gestuais, miméticos e corporais, mas também se trata de adentrar em uma prática pedagógica que também é construída por professores surdos. No universo do qual pretendemos desenvolver esta pesquisa, os cinco professores da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência da Paraíba (FUNAD), são surdos. Isso nos oferece uma riquíssima oportunidade de entendermos como a criança surda é incorporada tanto na língua de sinais e no processo de letramento que é conduzido por professores surdos. Desse modo, acreditamos na importância de compreender as práticas pedagógicas, bem como a prática docente no universo da surdez, intermediadas pelo ensino de Libras.

Procuraremos desenvolver essa pesquisa, na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência da Paraíba (FUNAD), devido conhecer esse ambiente quando estudávamos Libras, pois além de servir como centro de reabilitação aos portadores de necessidades especiais, funciona como escola para diversas atividades que propõe a inserção social e o reconhecimento da heterogeneidade da pessoa com deficiência ou com necessidades especiais. Especificamente trabalharemos com pessoas surdas, precisamente com professores e alunos surdos, uma vez que, na FUNAD o quadro de professores que leciona Libras são todos surdos.

Isso nos permite conhecer um campo vasto de saber, onde os relatos de experiência docente se mesclam sobre ações e gestos que conduz a criança a montar sua própria identidade a partir da língua de sinais, ou seja, o professor surdo conhece, como ninguém, as necessidades, os anseios e o mundo das crianças surdas.

Referencial teórico: problematização e objeto de estudo

Com advento da globalização o mundo vem passando por profundas transformações no âmbito político, social, econômico e educacional. Em meio a essas transformações, um assunto de repercussão nos meios acadêmicos diz respeito ao papel do professor, sua competência vocacional e o seu desejo de formar indivíduos plenos para o exercício da cidadania, seja através da criticidade que envolve leituras e contextos históricos, sociais, políticos e culturais ou por meio das suas ações cotidianas no ambiente escolar.

Desse modo, a profissionalização do professor de nível básico cada vez mais é reconhecida na medida em que se faz presente nos estatutos legais do Estado, como podemos perceber na LDB 9.394/96:

A formação de docentes para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996).

Por prática docente podemos compreender todo trabalho pedagógico que o professor desempenha dentro e fora da sala de aula, condicionado por ações pautadas com responsabilidades éticas, como nos mostra, entre outros, Libâneo (2003), Ramalho, Nuñez, Gauthier (2003) e Oliveira (2010).

Freire (1987, p.97) entende a prática docente como: “incidência da reflexão, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade”. Neste sentido, o professor deve está atento aos detalhes pedagógicos que envolva o aluno nesse processo crítico e criativo, independente do contexto social e cultural que se encontrem. Independente também da condição física e intelectual do aluno, pois o professor possibilita ampliar o mundo crítico e criativo do sujeito pautado no respeito à diversidade e a diferença (FREIRE, 1987; FREIRE E GUIMARÃES, 1982).

Não obstante, o aluno também tem um papel fundamental no desenvolvimento pedagógico do profissional de educação, uma vez que este é o sujeito intrínseco ao processo de conhecimento construído sobre a reciprocidade, como enfatiza Lima (2001, p. 47):

A postura do professor e a sua interação com os alunos ultrapassam as linhas do ensino e envolvem outras dimensões de maior profundidade, como a maneira do docente pensar a realidade, seu contexto, suas concepções sobre a vida, o mundo, a educação, o modo de encarar tais relações, sua história de vida, os elementos de construção do seu saber pedagógico.

Neste sentido, o desenvolvimento da prática pedagógica envolve não só o saber do professor, mas também do discente, assim afirma Freire (1987, p.57): “não existe ensinar sem aprender, que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de que aprende”. Como bem enfatiza Freire (1987), o aprendizado é parte deste conjunto que envolve mais de um participe sobre um processo interdependente do conhecimento.

É no cotidiano escolar que o professor aprende, desaprende, reestrutura o aprendizado, faz descobertas, estrutura formas de pensamento e constrói crenças. De uma forma ou de outra, a escola com sua cultura é lugar de construção coletiva desses saberes, crenças e mitos que precisam ser analisados (GUARNIERI, 2005, p.37).

Sabendo que a escola é um espaço socialmente construído, onde existe uma diversidade de sujeitos envolvidos, acreditamos que neste ambiente acontece a aprendizagem mais especializada e formalmente contextualizada em um tempo e espaço específico, possibilitando que o professor, a cada dia, busque



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

formas inovadoras para desempenhar e aperfeiçoar sua profissão, reconhecendo que neste local existem trocas e construção de saberes interdependente.

Esta pesquisa, desse modo, pretende contribuir para a ampliação do debate sobre a importância da prática docente e formação pedagógica do professor surdo em sala de aula. Tem como uma das principais metas contribuir para o debate do papel do professor surdo com crianças surdas. Debate este ainda abordado timidamente pelos pesquisadores e profissionais da educação, pois se trata, também, da compreensão dos códigos e símbolos linguísticos da língua de sinais que, diferentemente da língua oral, é usado por poucas pessoas, sobretudo por aquelas que usualmente denominamos como surdas.

Para Reis (2007), o professor surdo não somente desempenha um papel de educador com crianças surdas, filhos ou não de ouvintes, mas, através de sua língua, permite que a criança surda consiga adentrar no seu universo cultural diferente daquele construído pelo mundo de palavras faladas.

Segundo Stuart Hall (HALL, 2000), a concepção de identidade deve ser compreendida dos diversos planos culturais e nos processos ininterruptos da história, pois, para este autor haveria uma descentralização sobre a ideia do sujeito da modernidade, o que permitiu a negociação e o surgimento de identidades até então consideradas contraditórias, fragmentadas, inacabadas e dispersas na contemporaneidade. Assim, podemos compreender que a ideia de identidade da pessoa surda foi construída nestes processos que implicam em aceitar suas diferenças, sua linguagem, seu comportamento e modo de se assumir surdo.

Neste interim, podemos interpretar que a identidade também perpassa tempos, culturas e espaços específicos, mesmo que sejam contraditórios (HALL, 2000). O ambiente escolar, desse modo, pode nos dar uma gama de respostas para compreender as ações empregadas pelos professores - neste caso, especificamente professores surdos - sobre o que diz respeito a suas práticas pedagógicas e sua influência como educador.

Partimos da hipótese que a prática pedagógica do professor surdo também perpassa sua construção identitária e suas subjetividades intermediadas pela língua brasileira de sinais que, como qualquer língua oral, conduz o processo de ensino e aprendizado da cultura, da experiência social que envolve o pensamento e a comunicação, no qual as relações intersubjetivas se encontram conforme suas ações enquanto professor surdo.

Essa pesquisa tem por objetivo compreender a prática pedagógica de professores surdos com crianças surdas, através do ensino da língua brasileira de sinais (LIBRAS). Buscar identificar os processos inerentes às atividades pedagógicas dos profissionais de educação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com crianças surdas, assim como a relação de ensino e aprendizado entre língua de sinais e o saber docente.

Concomitantemente conhecer mais detalhadamente as práticas pedagógicas dos professores de crianças surdas no processo de ensino de Libras; buscar avaliar a contribuição das práticas pedagógicas para o desenvolvimento do processo de aprendizado da língua brasileira de sinais de crianças surdas; bem como discutir a relação entre a prática docente com professores surdos, língua de sinais, e surdez; deste modo identificar as dificuldades didáticas e pedagógicas no processo de ensino de Libras e Língua Portuguesa.

Metodologia

Optamos em utilizar os métodos qualitativos, pois, de acordo com Lakatos e Marconi (2010), estes possibilitam analisar os aspectos mais profundos da complexidade que envolve o ser humano e seus fenômenos sociais. Assim, o método qualitativo fornece mais detalhe sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica é de suma importância na elaboração, adequação e desenvolvimento do fenômeno social a ser analisado. A bibliografia auxilia na escolha de um método e de uma teoria mais apropriada, bem como no conhecimento das variáveis e na autenticidade da pesquisa empírica a ser desenvolvida (LAKATOS e MARCONI 2010).

Após a realização da pesquisa bibliográfica, procuraremos abordar o fenômeno estudado em um trabalho de campo realizado na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência da Paraíba (FUNAD).

É na pesquisa de campo que o pesquisador busca uma proximidade com o objeto estudado, visando compreender conceitualmente e teoricamente o fenômeno proposto a ser analisado.

Segundo Lakatos e Marconi (2010), o trabalho de campo consiste no recorte empírico que fornece elementos essenciais na construção da pesquisa e no seu desenvolvimento teórico. Assim, é na pesquisa de campo que se busca compreender o processo em desenvolvimento do tema pesquisado. Definido o campo de estudo, optamos em desenvolver uma observação minuciosa do fenômeno estudado, objetivando enxergar de perto os mecanismos que envolvem a relação entre professor e aluno surdo, bem como as práticas pedagógicas que o professor desenvolve no seu cotidiano.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Após a fase de observação, buscaremos entrevistar os colaboradores no intuito de conhecer mais profundamente os sujeitos pesquisados. A entrevista para Severino (2007, p.124), é aquela no qual se utiliza: “técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado”.

Lakatos e Marconi (2010, p.178) nos fala que a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Desse modo, para obter resultados consistentes na entrevista serão feitas perguntas estruturadas.

A partir dos dados observados no trabalho de campo, procuraremos avaliar os resultados em conformidades com os autores estudados na pesquisa bibliográfica. Isso nos permite identificar, com mais acuidade intelectual, a problemática do fenômeno proposto para análise. De acordo com Chizzoti (1991), os dados trabalhados em uma pesquisa compreende o próprio significado dos fenômenos sociais postos a observação, em toda sua totalidade e complexidade.

Referências



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL.1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

DAMAZIO, Mirlene Ferreira M. **Educação escolar de pessoa com surdez: uma proposta inclusiva.** São Paulo: Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

FALCÃO, Luiz Albérico Barbosa. **Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos.** Recife: Ed. do autor. 2011.

_____ **Da Formação à prática docente da educação física com surdos: crenças, reflexões, saberes e emoções em LIBRAS.** Recife: Ed. Do Autor, 2007. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra 1987. FREIRE Paulo e GUIMARÃES Sérgio. **Sobre Educação: Diálogos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GUARNIERI, Maria Regina. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência.** 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

GAUTHIER, Clermont; RAMALHO, Betânia Leite; NUÑEZ, Isaura Beltrán;. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KLEIN, Madalena. LUNARDI, Márcia Lise. **Surdez, território de fronteira.** Educação Temática Digital. Campinas, v.7, n.2, 2006. p.14-23.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Nosso jeito de caminhar pelo estágio supervisionado.** In: **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente.** Fortaleza: Edição Democrática. Rocha, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Vai ter música?”: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. In: **PontoUrbe**, Ano 1 versão 1.0, 2007. Acesso por <http://www.n-a-u.org/pontourbe01/magnani1-2007.html> em 23/09/2012.

MOURA, Maria Cecilia de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Revinter-Fapesp, 2000.

OLIVEIRA, Zilmara Moraes Ramos de. **Educação infantil: Muitos Olhares.** 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

REIS, F. *Professores surdos: identificação ou modelo?* In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007. RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

SILVA, Elizangela Ferreira da. **Não Escuto, Não Falo, Não Quero**: a sociabilidade na associação de surdo de João Pessoa-PB. João Pessoa: PPGA/CCHLA/UFPB, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 2013.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação Do Surdo No Brasil**. Campinas: Autores Associados, Edusf, 1999.

SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Mediadora, 1999.